



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Setembro/2005



### Análise Macroeconômica da Pecuária

#### AS VACINAS REPRESENTAM MENOS DE 2% DOS CUSTOS...

Variação Mensal e Acumulada							
Estados	COE		COT		Boi Gordo R\$/@		Ponderações
	setembro-05	Jan/05 - set/05	setembro-05	Jan/05 - set/05	setembro-05	Jan/05 - set/05	
Goiás	0,52%	0,76%	0,32%	1,26%	-2,73%	-18,87%	13,3%
Minas Gerais	0,01%	6,21%	-0,37%	5,83%	-2,41%	-20,57%	13,7%
Mato Grosso	0,32%	8,06%	0,25%	6,38%	1,69%	-12,22%	16,2%
Mato Grosso do Sul	0,30%	5,81%	0,11%	5,58%	0,59%	-15,57%	16,4%
Pará	1,88%	6,59%	1,82%	5,86%	2,35%	-9,40%	8,8%
Paraná	-0,28%	2,83%	-0,10%	3,15%	-1,60%	-16,84%	6,7%
Rio Grande do Sul	-0,25%	3,66%	-0,33%	3,79%	-3,87%	-12,43%	9,6%
Rondônia	1,14%	8,10%	1,31%	15,80%	2,56%	-13,96%	6,2%
São Paulo	-0,78%	1,57%	-0,88%	2,56%	-2,20%	-18,07%	9,2%
Brasil*	0,29%	4,97%	0,17%	5,21%	-0,64%	-15,49%	

\*. Referente a 77,87% do rebanho nacional segundo o Rebanho Efetivo Bovino PPM / IBGE 2003.

Variação dos Principais	
Indicadores	setembro-05
IGP-M	-0,53%
Acumulado Janeiro	0,19%
Taxa de Câmbio	-2,96%

A crise da febre aftosa pegou em cheio a pecuária bovina brasileira no momento em que se iniciava uma recuperação de preços da arroba do boi e uma conseqüente recomposição do poder de compra dos produtores brasileiros. Os contratos futuros com vencimento em outubro, novembro e dezembro de 2005 indicavam que a arroba do boi deveria situar-se entre R\$ 62,00 e R\$ 63,00 nestes meses, com uma considerável recuperação frente aos valores negociados até o início de setembro. A febre aftosa, no entanto, mudou tudo.

A confiança no produto brasileiro foi abalada. O estrago só não será maior por dois motivos: não existem outros fornecedores para ocupar o mercado deixado pelo Brasil e o segundo é a ameaça da gripe aviária, que reduz o consumo de carne de frango em muitos países.

O fato mais importante a ser destacado é que o Brasil está enfrentando essa situação crítica por deficiência em um item de custo muito baixo: as vacinas chegam a representar pouco menos de 2% do custo total da produção de carne e os prejuízos pela não utilização deste insumo são imensos.

O mercado pecuário, incluindo a formação de preços do boi gordo no Brasil, toma como referência a “praça” de São Paulo. Isso ocorre por dois motivos: este é o maior mercado consumidor e também concentra o maior parque industrial.

São Paulo tem cerca de 40 milhões de habitantes e a maior renda per capita do Brasil. Assumindo que o consumo por habitante paulista corresponda ao “padrão brasileiro” estimado pelo *Global Meat* da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), de 36,6 quilos por ano, o Estado consumiria 1,46 milhão de toneladas de carne bovina por ano, ou 5,7 milhões de bois de 17 arrobas.



## **Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Setembro/2005**



O Estado vinha abatendo cerca de 21 mil animais por dia (útil), nas unidades com registro no Serviço de Inspeção Federal - SIF, de acordo com pesquisas do Cepea realizadas no primeiro semestre deste ano. Mato Grosso do Sul e Mato Grosso abatiam cerca de 15 mil unidades cada um, Goiás, 11 mil, Minas Gerais, 9 mil animais e aproximadamente 2.500 cabeças/dia nos estados do Paraná e Rio Grande do Sul. Nesses cálculos não estão incluídos os abates que ocorrem sob inspeção estadual e municipal, que são significativos nos estados onde o mercado consumidor interno é forte, casos específicos de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná. Nos demais estados do Centro-Oeste, as unidades locais são pouco importantes, com os abates concentrados mesmo em frigoríficos “sifados”.

A estrutura frigorífica dos Estados também deve ser considerada, pois os focos de febre aftosa interromperam o livre trânsito de animais entre os estados. São Paulo há muito tempo tem sentido o encolhimento do seu rebanho e, por esse motivo, tornou-se um grande importador de animais de outros estados.

Em 2004, São Paulo demandou cerca de 35 mil animais para atender às exportações e ao seu mercado interno. O Estado foi responsável por cerca de 55% das exportações brasileiras, o que representou cerca de 14 mil bois de 17 arrobas por dia – calculado a partir de dados da Secex. A capacidade paulista de abate é de 21 mil animais nas unidades com SIF e, portanto, cerca de 14 mil animais devem prover de unidades com registro estadual e municipal e da importação de carne de outros estados.

Considerando um desfrute de 20% (total de animais abatidos provenientes de SP/total de animais em SP), o estado de SP contaria com pouco mais de 11 mil animais por dia. Essa informação ajuda a entender o tamanho da complicação que o mercado vive ao ter as fronteiras estaduais fechadas.

Estados como GO e MT, que podem exportar para muitos países, inclusive para a Comunidade Econômica Européia, têm de cerca de 4 mil cabeças por dia acima da sua capacidade de abate para exportação. Nestes estados existem plantas subutilizadas, mas que, para voltar ao mercado internacional, dependem de investimentos.

Dentro da porteira, os efeitos devem ser fortemente sentidos, requerendo que os investimentos sejam “reestudados”, sobretudo no MS, que é um dos mais eficientes estados produtores do Brasil.

A indústria também terá problemas, uma vez que o valor de uma empresa tem relação direta com a sua capacidade de geração de caixa. Com o aumento do risco de mercado da empresa, essa capacidade de geração fica prejudicada e, portanto, sofrerá depreciação e redução de crédito.

O terceiro prejuízo será das comunidades locais, onde os frigoríficos são os únicos empregadores, neste caso, grandes responsáveis pela renda local. O salário médio dessas empresas é de cerca de R\$ 850,00 por trabalhador, muito acima da média de outras



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Setembro/2005

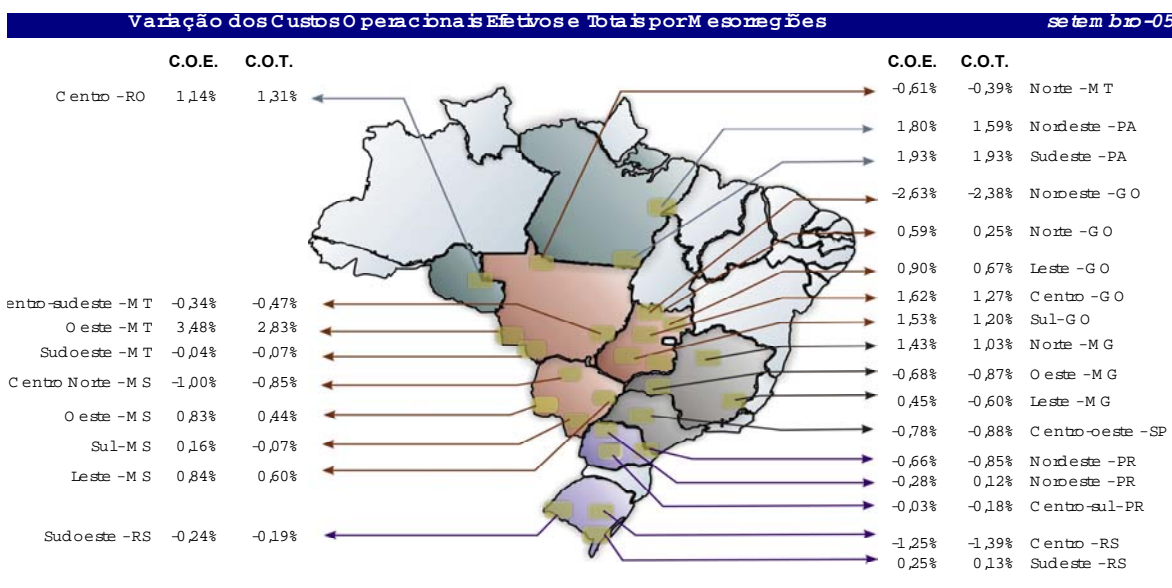


ocupações nessas cidades. Esses trabalhadores dificilmente serão absorvidos por outras atividades nas regiões afetadas.

Os prejuízos dos focos de febre aftosa serão grandes e seus efeitos devem perdurar por alguns anos. O PIB da pecuária neste ano deve ter uma forte queda, com redução do montante movimentado em todos os seus elos.

### Análise Regional e de Insumos

### CUSTOS VOLTAM A SUBIR NA MAIORIA DOS ESTADOS



De agosto para setembro, o Custo Operacional Efetivo (COE) recuou somente nos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná - de julho para agosto, a diminuição tinha ocorrido em seis Estados. O Custo Operacional Total (COT), que inclui instalações e depreciações, também diminuiu apenas nesses três Estados e em Minas Gerais. As variações de setembro indicam, portanto, que, em seis Estados, produzir carne voltou a ficar mais caro, se observados os desembolsos mensais (COE).

As variações dos custos de agosto para setembro não chegam a ser alarmantes, mas na situação de preços que a pecuária bovina de corte se encontra, qualquer acréscimo pode ter impacto sobre os investimentos. Na média Brasil, os aumentos mensais do COE e COT foram de 0,29% e 0,17%, respectivamente.

No acumulado do ano, os maiores aumentos de custos continuam em Rondônia, onde as despesas correntes do mês (COE) já subiram 8,10% e os itens que incluem investimentos (COT), 15,8%. O Estado onde os custos estão mais controlados é Goiás. Nos primeiros nove meses, o COE acumulou apenas 0,76% e o COT, 1,26% de alta.



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Setembro/2005



Em setembro, Pará e Rondônia são destaques nas variações dos custos e da arroba do boi gordo. Pecuáristas destes Estados conseguiram as maiores valorizações da arroba do boi gordo, 2,56% em Rondônia e 2,35% no Pará, mas arcaram também com altas salgadas como a do diesel que, no Pará, foi reajustado em 10,72% de um mês para outro. Em Rondônia, foram vários os insumos com aumentos significativos. As sementes forrageiras ficaram quase 10% mais caras, medicamentos em geral, 13,07%, os insumos para reprodução animal subiram 9,69% e os serviços terceirizados de máquinas pesadas, 6,06%.

O aumento dos medicamentos em geral vem dos reajustes feitos pelos fabricantes (repassa de laboratório), e os insumos para reprodução animal tiveram sua demanda um pouco mais aquecida em setembro, por ser essa a época ideal para estação de monta. O período é favorável também para os pecuaristas que estão formando/abrindo novas áreas de pastagem, o que encarece as sementes forrageiras e os serviços terceirizados utilizados nessas práticas.

Essa demanda sazonal aliada à oferta relativamente pequena neste ano – destaca-se, o principal motivo das altas é a baixa oferta – fizeram com que as sementes forrageiras fossem o insumo para produção de carne bovina com maior reajuste em setembro: 9,91% na média Brasil. No acumulado do ano, as sementes também estão na liderança, pouco atrás da mão-de-obra – ambas na casa dos 15% de aumento.

Entre os estados da pesquisa, o Rio Grande do Sul foi o único que não apresentou variações nos preços das sementes forrageiras, já que as pastagens no Sul do País diferem das cultivadas nas demais regiões do País. Nessas outras regiões, os reajustes nos preços das sementes ocorreram de forma quase que diária, sendo destaque os aumentos espantosos de 60,62% em São Paulo e de 15,38% no Paraná.

Ao se analisar as variações desse insumo desde o início da pesquisa, em março/03, constata-se que somente em agosto e setembro/05 houve recuperações dos preços. O salto de setembro, na verdade, foi suficiente para compensar as consecutivas quedas sofridas durante mais de dois anos.

Em setembro/04, com boas expectativas para as lavouras na safra 04/05, a maioria dos empresários rurais optou por investir em culturas anuais, reduzindo a demanda pelas sementes forrageiras. Em 2005, o cenário mudou devido à baixa rentabilidade da maioria das lavouras, e a demanda por semente forrageira, ainda que não tenha crescido muito, acabou por inflacionar os preços deste insumo disponível em quantidade menor que a procura. Além disso, em várias regiões, também a qualidade ficou aquém da expectativa dos compradores.

Os adubos em geral, que também são mais procurados nesta época de plantio e reforma das pastagens, vem apresentando desde o início do ano, quedas consecutivas. Isso ocorre sobretudo pelo desempenho negativo da agricultura que é, de fato, o grande consumidor de fertilizantes no País. No acumulado dos nove primeiros meses, esses insumos tiveram uma desvalorização de 6,36%. Só no mês de setembro, frente a agosto, a queda foi de



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Setembro/2005



1,16%. Uma análise mais estendida, contudo, mostra que adubos estiveram em alta contínua de julho de 2003 até o início deste ano.

O óleo diesel, que em agosto já apresentou um reajuste mensal de 2,3% na média Brasil, continuou em alta na maioria dos estados, subindo mais 4,15% em setembro, acumulando no ano alta de 7,19%.

A cesta de medicamentos, que engloba as vacinas, produtos para controle parasitário e medicamentos em geral, na média dos nove estados, não apresentou expressivas variações nos preços no mês de setembro. No caso das vacinas, que representam apenas 1,47% no COT, tiveram seus preços estáveis, enquanto que os medicamentos para controle parasitário recuaram 0,11% e os medicamentos em geral apresentaram uma pequena valorização de 0,25%. Em setembro, como faltavam dois meses para o início da terceira campanha de vacinação antiaftosa, que atinge animais de mamando a caducando, em vários Estados, os laboratórios ainda não tinham disponibilizado as vacinas nas lojas agropecuárias, não havendo, portanto, reajustes nos preços.

A suplementação mineral seguiu em ligeira queda pelo segundo mês consecutivo – 0,51% na média Brasil –, com os preços recuando em seis dos nove estados da pesquisa. As maiores quedas ocorreram em São Paulo, 1,37%, e no Mato Grosso, 1,12%, possivelmente por contenção dos investimentos do pecuarista, ainda que a maioria dos produtores destes Estados saiba que economizar na suplementação tem grandes chances de resultar em perda proporcionalmente maior de receita.

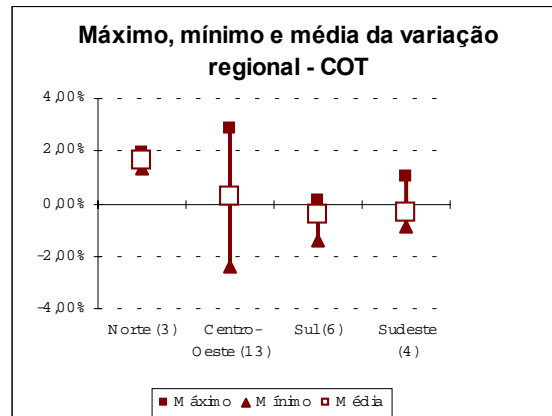
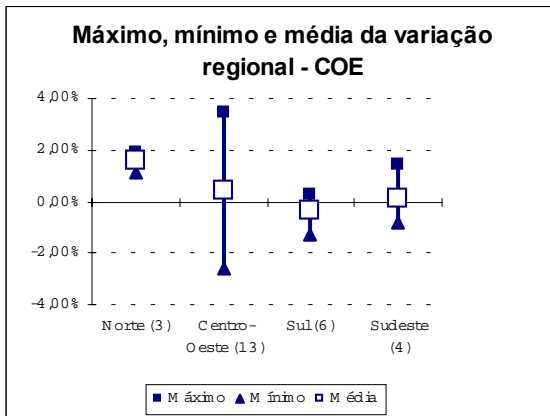
As últimas pequenas quedas, contudo, aliviam pouco os fortes aumentos ocorridos nos meses anteriores. No acumulado do ano, na média Brasil, o suplemento mineral, que corresponde a cerca de 15% dos custos totais, ainda apresenta alta de 5,11%.



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Setembro/2005

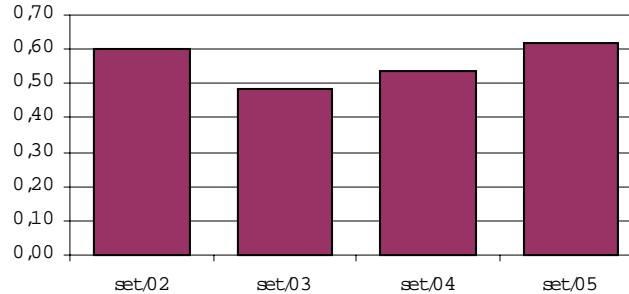


	Variações dos Preços dos Principais Insumos da Pecuária de Corte Média Ponderada para GO, MT, MS, PA, RO, RS, MG, PR e SP		
	Ponderações COT	Variações Acumuladas COT	
	SETEMBRO	jan/05 - set/05	setembro/05
Diesel em áreas rurais	6,21%	7,19%	4,15%
Lubrificantes	0,66%	2,65%	-0,08%
Adubo em geral	3,72%	-6,36%	-1,16%
Calcário	1,13%	-0,85%	0,66%
Sementes forrageiras	1,60%	15,01%	9,91%
Suplementação Mineral	14,69%	5,11%	-0,51%
Medicamentos - Vacinas	1,47%	-0,73%	0,02%
Medicamentos - Controle Parasitário	1,10%	0,16%	-0,11%
Medicamentos em geral	0,73%	2,80%	0,25%
Insumos para reprodução animal	0,59%	0,50%	0,60%
Insumos para construção/manutenção de cercas	4,64%	4,45%	0,18%
Construções em geral	6,87%	4,80%	0,15%
Máquinas e implementos agrícolas	7,67%	5,67%	-5,16%
Serviço terceirizado de desmatamento	1,05%	4,63%	0,00%
Serviço terceirizado de máquinas pesadas	1,29%	2,83%	0,37%
Compra de animais bezerro	8,76%	-5,23%	-1,52%
Mão-de-obra	23,10%	15,37%	0,00%



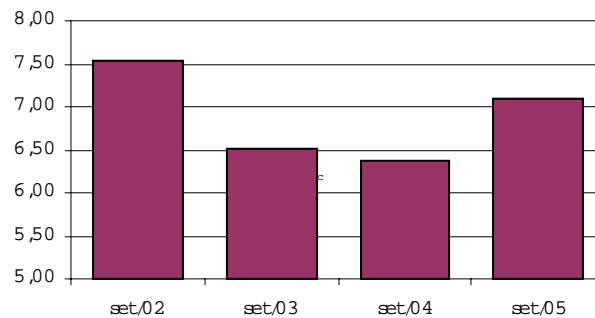
**Relação de Troca – setembro/2005**  
**Mercado de São Paulo**

**Sal Mineral (@/sc 30kg)**



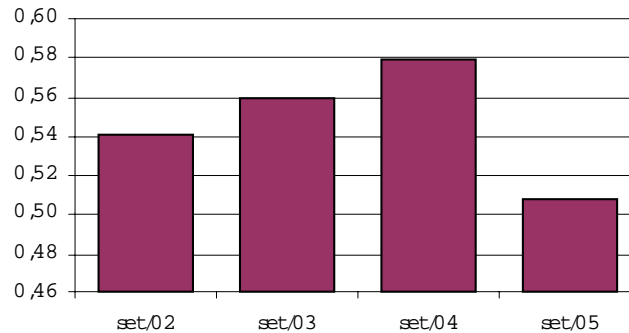
**Sal Mineral:** Esse insumo apresentou queda de 1,37% e a arroba, de 2,2% de agosto para setembro, no mercado paulista. Dessa forma, a relação de troca foi novamente desfavorecida, pois o produtor gastou 1,6% a mais para adquirir o mesmo produto, em relação a agosto. Se comparado ao mesmo período do ano passado, a perda no poder de compra sobe para 17,3%, já que, ao invés de 0,52 arroba, agora foi necessária 0,61 arroba para adquirir um saco de 30kg de suplemento mineral (com 88 g de P). O preço desse insumo chegou a cair 4,39% nos últimos 12 meses, mas a elevada redução de 16,5% no preço da arroba no mesmo período acarretou a perda do pecuarista.

**Bezerro - SP (@/Cabeça)**



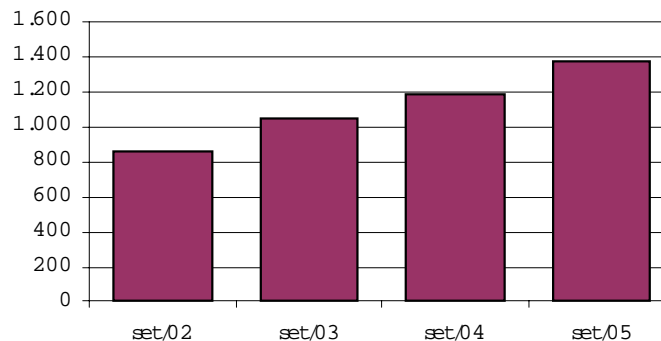
**Bezerro:** A queda de 1,20% no valor do bezerro de um mês para outro, no Estado de SP, não foi suficiente para melhorar a relação de troca do internista, pelo contrário, piorou mais 1% de agosto para setembro. A perda do poder de compra, mais uma vez, decorre da desvalorização da arroba do boi (2,2%). Em setembro de 2004, o pecuarista comprava um bezerro com 6,36 arrobas e atualmente há necessidade de 7,1 arrobas para aquisição do mesmo animal (bezerro nelore de 8 a 12 meses). Tal fato implica em queda de 11,48% no poder de compra do internista em um ano. A redução intensa da arroba do boi desfavorece todos os integrantes da cadeia produtiva.

**Calcário Dolomítico (@/tonelada)**



**Calcário Dolomítico:** O preço do corretivo manteve-se praticamente estável de agosto para setembro no mercado paulista, mas a queda de 2,2% da arroba no mesmo período desfavoreceu mais uma vez o produtor, com uma queda de 2,22% no poder de compra. Já a comparação entre setembro do ano passado e deste mostra uma vantagem para o pecuarista. Em setembro de 2004, comprava-se uma tonelada de calcário dolomítico com 0,58 arroba e, atualmente, despende-se 0,51 arroba, aumentando em 12,33% o poder de compra. Essa relação favorável ao produtor deve-se à significativa queda de 26,76% no preço do calcário no período, que foi superior ao recuo de 16,46% da arroba. Esse insumo foi um dos poucos que favoreceu o produtor de carne – segmento de engorda nos últimos 12 meses.

**Trator MF 6630 BZ (@/Trator)**



**Trator 75 HP / 4x2:** O valor do trator manteve-se inalterado em relação a agosto, mas para a compra desse produto, em setembro, o pecuarista paulista precisou despendar 30 arrobas a mais, tendo em vista as contínuas desvalorizações do boi. Com relação a setembro de 2004, o trator em questão ficou 2,9% mais barato, mas a queda de 16,46% da arroba resultou em diminuição de 16,3% no poder de compra do pecuarista. Ao invés das 1.186 arrobas necessárias em setembro do ano anterior, neste ano, foram necessárias 1.379 arrobas para a mesma compra.